

PALESTRA



A importância dos jardins históricos e a restauração de um jardim de Burle Marx

SÉRGIO MARTINS TREITLER⁽¹⁾

RESUMO

Este artigo trata das intervenções em jardins históricos. Hoje, não só pelo crescimento acelerado das cidades, mas também como em consequência da violência, cada vez mais presente no cotidiano das cidades, os jardins históricos desempenham função de praça de bairro, oferecendo aos seus usuários vantagens e comodidades que as praças públicas foram perdendo através do tempo. Este artigo trata também da restauração de um jardim particular, projetado por Roberto Burle Marx em 1954, e cuja restauração, feita em 2002, é considerada por técnicos e especialistas no assunto como exemplar.

Palavras-chave: paisagismo, IPHAN

ABSTRACT

The importance of the historical gardens and the restoration of a garden of Burle Marx

This article deals with the interventions in historical gardens. Today, not only for the speed up growth of the cities, but also as in consequence of the violence, each more present time in the daily one of the cities, the historical gardens play function of small square of quarter, offering to its using advantages and comforts that the public squares had been losing through the time. This article also deals with the restoration of a particular projected garden for Robert Burle Marx in 1954, and whose restoration, made in 2002, is considered by technician and specialists in the subject as exemplary.

Keywords: landscape, IPHAN

1. O JARDIM APENAS COMO MOLDURA

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – hoje Iphan, foi o primeiro órgão de preservação criado no Brasil. Fundado em 1937, pelo Decreto Lei 25/37, somente 43 anos depois os jardins históricos brasileiros iriam merecer um estudo mais profundo, quando, em 1980, um grupo formado por técnicos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro contratados pela Fundação Pró-Memória (depois absorvidos pelo Iphan), debruçou-se sobre este tema.

Sob o ponto de vista internacional, embora a preservação já fosse atribuição do estado na França desde o século XVIII, apenas em 1981 seria redigida a primeira *Carta Patrimonial* voltada exclusivamente para os jardins históricos – a *Carta de Florença*, do ICOMOS (CURY, 2000), da qual o Brasil é signatário e cujos preceitos são adotados até hoje pelos nossos órgãos de preservação.

Isso fez com que enquanto outras áreas da preservação experimentassem nítidos avanços, com o surgimento e adoção de novas técnicas e tecnologias, otimização de diretrizes e surgimento de novos conceitos de preservação, os jardins históricos não acompanhassem essa evolução. Em seu artigo “*O Mapa do Brasil Passado*”, publicado na Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, número 24

(RUBINO, 1996), Silvana Rubino traçou um painel bastante curioso – e sintomático – dos tombamentos realizados pelo Iphan entre 1937 e 1967, que nos dá uma ideia de por que os jardins ficaram a sombra de outras áreas, conforme demonstrado pelos dados reproduzidos a seguir:

Tombamentos feitos entre 1937/1967:

Bens tombados	689	
Bens arquitetônicos	645	(93,62%)
Outros bens	44	(6,38%)

Outro dado revelador encontrado neste artigo é que dos 689 tombamentos realizados nos primeiros 30 anos do Iphan, 523 são bens do Século XVIII ou anteriores a este período. Ou seja, 75,90% dos bens tombados nas primeiras três décadas de atuação do Instituto foram de arquitetura do período colonial (grifo da autora). Como o jardim brasileiro no período colonial era inexpressivo, ressaltando-se apenas poucas e pontuais exceções, formou-se uma “cultura” de que a conservação de uma edificação é muito mais importante do que o jardim que a envolve. Prova disso é a desproporção entre os mais de 20 mil bens imóveis tombados em 60 cidades brasileiras, contra apenas 17 jardins tombados isoladamente em cinco cidades do Brasil, sendo eles:

⁽¹⁾Arquiteto e paisagista, mestrando em Urbanismo – UFF, técnico do Departamento de Proteção ao Patrimônio Material e Fiscalização – DEPAM/Iphan. Rua da Imprensa 16, 9º andar, Palácio Gustavo Capanema, Castelo, CEP 20.030-120, Rio de Janeiro – RJ. sergio.pgc@iphan.gov.br.

- **No Rio de Janeiro:** Palácio do Catete, Jardim Botânico, Horto Florestal, Parque Nacional da Tijuca, Parque Lage, Parque do Flamengo, Passeio Público, Sítio Roberto Burle Marx, Jardim do Valongo.

- **No Estado do Rio de Janeiro:** Palácio Imperial (Petrópolis – RJ), Palácio Princesa Isabel (Petrópolis – RJ) Fazenda Santa Eufrásia (Vassouras – RJ), Parque S. Clemente (Friburgo – RJ), Museu Antônio Parreiras (Niterói – RJ).

- **Outros estados:** Jardim do Hospital S. João de Deus (Cachoeira, BA), Casa Modernista na Vila Mariana (São Paulo, SP – Warchavchik), jardins do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora, MG.

Talvez por conta disso os jardins históricos ainda não mereçam a importância que deveriam ter, sendo vistos, na maioria das vezes, apenas como uma moldura para um bem mais importante.

2. OBSTÁCULOS A SEREM SUPERADOS

Intervir em jardins históricos é atribuição delegada exclusivamente aos arquitetos e arquitetos urbanistas, conforme os termos da Decisão Normativa do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura – CONFEA, número 80, de 25 de maio de 2007. Infelizmente, este tema praticamente não é abordado nas aulas de paisagismo dos cursos de arquitetura, nem mesmo de forma superficial. Mesmo alguns cursos de pós-graduação em restauro passam ao largo deste tema, sem sequer incluí-lo em sua grade curricular, mesmo que em forma de palestra, como se ele fosse totalmente dispensável. E isso faz com que a maioria dos profissionais que atuam nos jardins históricos o faça como autodidatas ou, não raro, como meros aventureiros.

A bibliografia sobre jardins históricos praticamente não existe no Brasil, havendo apenas o manual intitulado “*Intervenções em Jardins Históricos*” (DELPHIM, 2005), de autoria do arquiteto da paisagem Carlos Fernando de Moura Delphim, coordenador da Área de Patrimônio Natural e Paisagem Cultural do Iphan. Editado pelo Iphan em 2005, este manual é a *Obra de Referência* sobre o tema no Brasil e sua leitura é indispensável para aqueles que desejam se aprofundarem no assunto.

3. UM NOVO OLHAR

Hoje, não só em razão do crescimento acelerado das cidades como também em consequência da violência urbana, infelizmente cada vez mais presente no cotidiano das cidades brasileiras, os jardins históricos passaram a desempenhar função de pracinha de bairro, oferecendo aos seus usuários vantagens e comodidades que as praças públicas foram perdendo através do tempo.

A partir dos anos de 1990, graças à pressão exercida por aqueles que passaram a utilizar os jardins históricos com mais assiduidade em substituição às praças de bairro, fosse por conta do abandono em que estas se encontravam, ou pelo perigo que se tornou frequentá-las – lembrem-se de que, no

Rio, a partir de 1990 as praças foram gradeadas – a preservação de jardins históricos passou a merecer uma atenção até então desconhecida.

Outros dois fatores foram fundamentais para esta valorização dos jardins históricos. O primeiro foi o aparecimento de uma nova visão sobre a relação entre o meio ambiente preservado e a qualidade de vida nos centros urbanos, que ganhou força a partir da realização da *Eco-92* – Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Essa nova visão contribuiu para a valorização desses espaços, que passaram a serem considerados equipamentos urbanos essenciais, chegando a serem determinantes no aumento do preço de imóveis nos bairros onde se situam. O segundo foi o reconhecimento dos novos hábitos dos integrantes da dita terceira idade, que passaram a ter nos jardins históricos locais ideais para a prática de tai chi chuan, yoga, ginástica orientada ao ar livre e outras atividades correlatas.

Por seu lado, os gestores dos jardins históricos, sensíveis a esta nova demanda, passaram a oferecer novas facilidades aos usuários, como banheiros preparados para o acesso universal, fraldário, bebedouros, bares ou cafés, alguns oferecem livrarias e restaurantes, teatro, outros possuem parquinhos, além de oferecerem a necessária segurança. Locais de lazer, estar e contemplação, os jardins históricos acabaram por se tornar verdadeiras ilhas de vegetação em meio às malhas urbanas.

4. RESPEITO E ÉTICA

Intervir num jardim histórico difere diametralmente das intervenções realizadas em jardins convencionais, pois exige, acima de tudo, absoluto respeito à obra de um outro paisagista. Requer uma análise desprovida de preconceitos, um perfeito entendimento das técnicas, gostos e modos de se expressar da época a qual o jardim remonta e de uma análise fria e distanciada do resultado alcançado, que nunca deve ser analisado através de critérios pessoais, nem sob a ótica simplista do “isso é bonito” e “isso é feio”, ou “disso eu gosto” e “disto não”. Pode-se traçar tranquilamente um paralelo entre o respeito que se deve ter com a obra de outro profissional com um dueto, onde dois músicos atuam juntos, harmonizando acordes e interpretação. Num dueto, um artista não duela ou compete com o outro. Pelo contrário, procuram um resultado comum que seja o melhor possível para a música que interpretam. O respeito é mútuo. O prazer de tocarem juntos é maior ainda. Assim também acontece quando se trata de uma restauração paisagística.

5. BURLE MARX E SUA NOVA VISÃO SOBRE A PAISAGEM

Em 2009 comemorou-se internacionalmente o centenário de Roberto Burle Marx. Isso provocou uma série de manifestações, entre elas a proposta de tombamento das praças por ele projetadas em Recife, quando lá exerceu a direção do setor de parques e jardins, na década de 1930.

Praças da Casa Forte, Euclides da Cunha, do Derby, Salgado Filho e jardins do Palácio das Princesas integram um processo de tombamento que já se encontrava em fase de conclusão no início de 2010.

O Iphan também iniciou, no final de 2009, um levantamento das obras de Burle Marx que poderiam ser passíveis de proteção. Numa primeira fase seriam analisados os jardins e as obras de arte (painéis em concreto e cerâmica, esculturas, pisos em mosaico etc.) que se encontram em locais públicos ou semi-públicos. Entre as obras já relacionadas, além das praças de Recife, constam jardins nos estados do Piauí, Ceará, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Quando esta lista preliminar, que já conta com cerca de quarenta jardins e cinco painéis, for distribuída as regionais do Iphan, por certo outros jardins e obras de arte da lavra de Burle Marx serão indicados para integrá-la.

O tombamento da obra de Burle Marx se constitui num avanço, pois que será feito independente do tombamento da arquitetura modernista brasileira e deverá lançar uma nova forma de ver os jardins brasileiros. Por todos os predicados que sua obra paisagística possui, destacando-se sua busca

incessante pela originalidade, a valorização da vegetação autóctone brasileira – sem ser xenófobo – e pelo tratamento que dava aos seus projetos paisagísticos, fortemente influenciados pela sua produção artística, resultando numa obra que mesmo ao longo de sua evolução guarda uma enorme unidade, salvaguardar sua obra é o primeiro passo para colocar o jardim brasileiro no lugar que merece.

6. A FAZENDA TACARUNA

O jardim da Fazenda Tacaruna, antiga residência Cavanelas, localizada em Pedro do Rio, distrito de Petrópolis, é um dos mais importantes jardins de Burle Marx. Em se tratando de jardim residencial pode-se afirmar que se trata do mais importante de todos os que ele projetou. Ocupando cerca de 50 mil metros quadrados, limitado entre a estrada e um rio que corta a propriedade em seu sentido maior, o jardim está inserido num terreno de aproximadamente 210 mil metros quadrados que, excetuando-se a área paisagisticamente tratada, é composta por uma magnífica área de Mata Atlântica.



Figura 1. O jardim em 1994, quando a propriedade foi adquirida pelo seu atual proprietário – Foto acervo do proprietário.
Figure 1. The garden in 1994, when the property was acquired by its current proprietor – Photo quantity of the proprietor.

Embora não seja tombado, todos os cuidados e precauções que cercam as intervenções em jardins históricos foram adotados na sua restauração. Para o sucesso desta intervenção foi fundamental a insolação que o jardim recebe e que se manteve inalterada ao longo do tempo. Apenas o trecho sob o renque de jabuticabeiras perdeu o canteiro quadriculado original, por ação do sombreamento que passou a receber na medida em que as jabuticabeiras foram crescendo. Todo o resto do jardim permaneceu recebendo a mesma luminosidade desde 1954 até os dias de hoje.

Outro fator fundamental foi à postura de seu proprietário em relação às ações adotadas. Seu respeito aos autores do projeto da casa – Oscar Niemeyer; e do jardim – Roberto Burle Marx, o levaram a optar pela fiel manutenção dos projetos originais, sem alterações de monta, exceção feita às novas tecnologias, como rede elétrica, equipamentos de piscina e outras que não

interferem nos projetos, o que faz da casa e do jardim exemplos de preservação. O proprietário, aliás, se denomina guardião de um bem cultural brasileiro e não proprietário de um imóvel. Esta postura exemplar, este entendimento da responsabilidade que tem, se traduz na abertura de sua propriedade a visitação, seja para alunos de arquitetura, paisagismo, ou profissionais que atuam nestas áreas e em áreas correlatas, do Brasil e do mundo. Sua participação direta no processo de restauração do jardim foi fundamental para o sucesso da empreitada.

A pesquisa histórica para a restauração do jardim foi facilitada pela existência de inúmeras revistas e alguns livros que traziam reportagens sobre o lugar. Citem-se principalmente os livros de Pietro Maria Bardi (BARDI, 1964) e o de Flávio Motta (MOTTA, 1983) este último com fotos de Marcel Gautherot, ambos já esgotados, mas que foram bastante elucidativos para a compreensão do espaço a ser tratado.

7. A RESTAURAÇÃO DO JARDIM

A propriedade foi adquirida em 1994 pelo atual proprietário e o jardim, principalmente o trecho que contém o quadriculado de grama, encontrava-se bastante alterado em relação ao seu projeto original, devido a falta de uma manutenção regular. Com o lago já desassoriado e os canteiros do jardim do lado Oeste – de traçado orgânico, já recuperado, em 2002 iniciou-se a restauração do trecho do quadriculado de grama e piscina.

Foram retirados cerca de 60 caminhões de terra daquele trecho, que se encontrava com a topografia alterada, com um caimento percebido a olho nu, vindo do campinho de futebol em direção a varanda da casa. Depois de nivelado, foi feita a locação da malha que modula o quadriculado de grama, sendo



Figura 2. O jardim após a reforma de 2002, vendo-se o contraste entre as diferentes gramas – Fotos Luiz Marigo.

Figure 2. The garden after the 2002 reform, seeing the contrast between the different grasses – Photos Luiz Marigo.

Resolvida a questão do quadriculado de grama, passou-se para a recomposição dos demais canteiros. O jardim, diga-se, é de uma simplicidade surpreendente, feito com uma especificação botânica mínima. Pode-se afirmar, sem medo de errar, que é um projeto minimalista, pois é composto apenas por sete espécies distribuídas por mil e quinhentos metros quadrados de área.

Além das duas diferentes gramas, a grama são-carlos (*Axonopus compressus*) e a grama-branca (*Axonopus compressus variegata*), o jardim é composto por canteiros também quadriculados e que acompanham a modulação do gramado, com as plantas coração-magoado (*Iresine herbstii*) e pingo-de-ouro (*Duranta repens* var. *áurea*), cujas cores, a primeira em vermelho vivo e a outra em amarelo-ouro, provocam um belo contraste. Cabe citar que na especificação original a espécie indicada no lugar do pingo-de-ouro era a cinerária-marítima (*Senecio cineraria*), que não resistiu as baixas temperaturas de inverno da região, sendo então substituída pelo coléus (*Coleus blumei*), que a exemplo da cinerária também não resistiu as baixas temperaturas, sendo então adotado o pingo-de-ouro como solução que permanece até hoje. Completam este trecho do jardim um renque de jabuticabeiras (*Mirciaria cauliflora*) de um lado, formando um conjunto denso, de copas maciças, e do outro um renque de jervás (*Syagrus romanzoffiana*), elegantes e com espaçamento que permite a fruição da vista pelo jardim, criando contraste

estas duas ações feitas com auxílio de aparelho topográfico.

Para a modulação do quadriculado foram confeccionadas placas de concreto com armação em ferro (malha *pop*), nas medidas 2,00m x 0,30m x 0,03m. Cabe frisar que nem toda quadrícula mede exatamente dois por dois metros, sendo algumas quadrículas ligeiramente menores e outras maiores, porém, numa proporção tal que esta diferença se torna imperceptível ao observador. Esta placa tem a função de impedir que as raízes das diferentes gramas invadissem os espaços uma da outra. Elas foram confeccionadas com o topo arredondado, e enterradas niveladas com o chão de tal forma que não cria obstáculo à máquina de cortar grama. Durante a retirada de terra para se realizar o novo nivelamento do jardim foram encontradas lajotas de pedra, enterradas de topo, que serviam para a delimitação da grama no jardim original.

com as copas das jabuticabeiras. Completando, o canteiro sob os jervás é todo forrado por lírios-amarelos (*Hemerocallis flava*).

Como todo jardim de Burle Marx, projetados que foram com preocupação na facilidade da sua manutenção, o jardim readquiriu rapidamente sua feição original, sendo hoje bastante citado por estudiosos e pesquisadores da obra de Burle Marx e muito fotografado para ilustrar livros, revistas e trabalhos acadêmicos sobre o paisagista.

8. SABIÁS, JACUS E GAMBÁS

A fauna local é farta e diversificada. Lagartos, camaleões, gambás, cobras certamente, micos também e em bandos, porcos-espinhos, pássaros os mais diversos, como gaviões, corujas e jacus, bem-te-vis, colibris, João-de-Barro, saíras, sabiás de peito estufado e andar de quem pisa em cacos de vidro, canários-da-terra, bandos de maritacas e tantos outros que encontram abrigo e alimento tanto na área do jardim quanto no pomar contíguo, que frequentam sem a menor cerimônia e com total receptividade do proprietário e seus familiares, assim como também se utilizam da grande área de mata preservada no morro por trás da casa. Os sons que emitem são os mais diversos possíveis. Mesmo os mais estranhos são agradáveis ou, no mínimo, curiosos e se confundem com o

barulho do riacho, numa suave e dodecafônica sinfonia. De um local onde existe abundância de frutas, de água e de mata preservada e cujos proprietários veem a fauna como parte integrante do jardim, só poderia mesmo se esperar esta festa que a propriedade é para a bicharada.

9. A REFORMA DA PISCINA

Originalmente, a piscina projetada por Niemeyer era revestida com pastilhas pretas, que produziam um efeito de furta-cor. Consequência desta cor escura, a piscina funcionava como um espelho d'água, refletindo a paisagem circundante. Quando o atual proprietário adquiriu a propriedade as pastilhas já haviam sido trocadas por azulejos brancos, que foram mantidos na reforma de 2002.

A piscina foi totalmente descascada, revelando uma parede

lateral de alvenaria de pedras com cerca de 60 centímetros de espessura. Esta parede foi perfurada com uma máquina especial em pontos previamente determinados e nestes furos foi instalado um sistema de iluminação por fibra ótica.

A piscina não tinha nenhum tipo de equipamento. Para esvaziá-la era necessário retirar-se o ralo e esperar que a água escoasse para o rio que corta a propriedade. Para enchê-la abria-se uma torneira, e nela conectava-se uma prosaica mangueira, ambas as ações bastante demoradas. Mantê-la limpa requeria adicionar cloro com flutuadores, esperar o cloro decantar, fazer a limpeza posterior com aspirador etc. Todas essas operações demandavam cerca de dois dias de paciência e dedicação.

Nesta reforma foram trocados os azulejos, colocada nova iluminação, instalados filtros e bombas necessárias, além de a impermeabilização ter sido toda refeita e o deck, em ipê, ter sido reformado e tratado.



Figura 3. A piscina original, forrada com pastilhas pretas e os canteiros, ainda com cinerárias – Foto tirada do site www.google.com.br, autor desconhecido.

Figure 3. *The swimming pool original, lined with black tablets and the seedbeds, with cinerarias - Photo still taken off of the site www.google.com.br, unknown author.*

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu tive o privilégio de trabalhar com Burle Marx por cerca de oito anos. Entre todas as qualidades que aprendi a admirar na convivência com ele, a que mais me marcou foi sua generosidade. Principalmente a generosidade em ensinar. Seu entusiasmo em ensinar era evidente. Nunca uma pergunta era respondida superficialmente. E nunca a resposta vinha sozinha. Junto com ela sempre havia a indicação de um livro, de uma exposição de arte, até mesmo de uma área de ópera.

Os anos em que trabalhei em seu escritório foram a minha escola mais importante e até hoje a menção deste período me abre portas no campo profissional.

Assim, poder restaurar um jardim do mestre foi, acima de tudo, uma forma de poder retribuir o tanto que ele me ensinou. Outra alegria foi ver a foto do jardim publicada na capa do livro de José Tabacow (TABACOW, 2004), com quem também tive o privilégio de trabalhar lá na Burle Marx paisagismo Ltda. Para nós, ver nosso trabalho na capa deste livro foi o coroamento, a prova do reconhecimento do trabalho realizado.

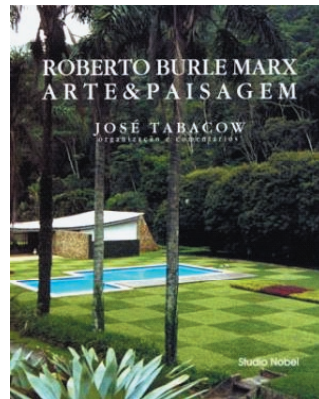


Figura 4. A capa do livro Roberto Burle Marx – Arte & Paisagem, de José Tabacow.

Figure 4. *The layer of the book Robert Burle Marx - Art & Landscape, of Jose Tabacow.*

Não poderia concluir este artigo sem dar o crédito pela realização desta tão bem sucedida restauração paisagística a paisagista Márcia Raposo, que esteve todo o tempo – inclusive durante as noites em que perdeu o sono, envolvida com as diferentes ações que transformaram um jardim em estado de quase abandono numa jóia paisagística, hoje divulgada em todo o mundo e cujo resultado por certo muito orgulharia seu criador. Não fosse pela sua dedicação, entusiasmo, profissionalismo e profunda sensibilidade, este jardim talvez não pudesse merecer os elogios que tem recebido.

11. REFERÊNCIAS

- BARDI, P.M. **The tropical gardens of Burle Marx.** Amsterdam: Colibri, 1964.
- CURY, I. (Org.). **Cartas Patrimoniais.** 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. 383p.
- DELPHIM, C. F. M. **Intervenção em Jardins Históricos:** manual. Brasília: IPHAN/Monumenta, 2005. 152p.
- MOTTA, F. **Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem.** São Paulo: Nobel, 1983. 255p.
- RUBINO, S. O mapa do Brasil passado. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Rio de Janeiro: MinC/IPHAN, n.24, p. 97-105, 1996.
- TABACOW, J. **Roberto Burle Marx – Arte & Paisagem.** 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004. 223p.
- CAUQUELIN, A. **A Invenção da Paisagem.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007. 198p.
- CAVALCANTI, L.; EL-DAHDAH, F. **Roberto Burle Marx, 100 anos: a permanência do instável.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009. 250p.
- DOURADO, G. M. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx.** São Paulo: EDUSP/SENAC, 2009. 385p.
- KAMP, R. **Burle Marx.** Fotos de Haruyoshi Ono. Rio de Janeiro: RKF/Prefeitura do Rio, 2005.
- LEENHARDT, J. (Org.) **Nos Jardins de Burle Marx.** Traduzido por Perola de Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. 150p. (Coleção Estudos, 150).
- LEMOS, P.; SCHWARZSTEIN, E. C. **Roberto Burle Marx.** São Paulo: Lemos Editorial e Gráficos Ltda, 1996. 78p.
- LORENZI, H.; MELLO FILHO, L. E. **As Plantas Tropicais de Roberto Burle Marx.** Nova Odessa: Editora Plantarum, 2001. 488p.
- MONTEIRO, M. I. **Burle Marx: The Lyrical Landscape.** Londres: Ed. Thames & Hudson, 2001. 208p.
- RIBEIRO, R. W. **Paisagem Cultural e Patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN, 2007. (Série Pesquisa e Documentação do IPHAN).
- SANTOS, N.M.; CARVALHO, M.P.; SANTOS, P. **Burle Marx: Jardins e Ecologia.** Rio de Janeiro: SENAC, 2002. 124p.
- SIQUEIRA, V. B. **Burle Marx.** São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001. 127p. (Série espaços da arte brasileira).
- TÁBORA, F. **Dos parques, um equipo:** Parque del Este, Caracas Venezuela: Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro Brasil. Venezuela: Embajada de Brasil en Venezuela: Norberto Odebrecht Constructora S.A., 2007. 205p.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

BRAGHIROLI, A. C. S. (Org.). **Paisagens do Sul:** Pareceres de Carlos Fernando de Moura Delphim sobre bens patrimoniais do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IPHAN/IPHAE, 2009.